

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

O ESPAÇO PERIURBANO ENTRE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA (BRASIL): USO DO SOLO E DISTINÇÕES SOCIOCULTURAIS

José Silvan Borborema Araújo¹, Caio Augusto Amorim Maciel²

1- Doutorando em Geografia - UERJ. Email: silvan.borboremaa@gmail.com

2- Prof. Departamento de Ciências Geográficas. UFPE. Email: caio.maciel@ufpe.br

Artigo recebido em 01/07/2013 e aceito em 02/08/2014

RESUMO

O artigo tem por finalidade discutir a formação do espaço periurbano entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca – Paraíba/Brasil, destacando as novas formas de uso do solo que estabelecem diversas relações socioeconômicas e culturais entre a população que ali reside e circula. As mudanças e permanências ocorridas na área em questão se deram a partir da segunda metade da década de 1990, com a territorialização de condomínios horizontais, pousadas, loteamentos populares e restaurantes, mas que ainda estão entremeados à agricultura de caráter familiar, comércio de produtos artesanais, plantas para ornamentação, etc. Assim, busca-se entender, mediante uma leitura histórica e geográfica, as características socioespaciais da área que se mostram relevantes para a formação de uma zona periurbana nessa porção do território paraibano.

Palavras-chave: Espaço periurbano, Relações sociais e culturais, Campina Grande, Brasil

THE PERIURBAN SPACE BETWEEN CAMPINA GRANDE AND LAGOA SECA (BRAZIL): LAND USE AND SOCIO-CULTURAL FEATURES

ABSTRACT

The paper aims to study the formation of periurban area between the cities of Campina Grande and Lagoa Seca – Brazil (state of Paraíba), highlighting the varied forms of land use that establish various socioeconomic and cultural relations between the people who reside and circulate there. Changes and continuities that occurred in the area in question came forward from the second half of the 1990s, with the territorialization of closed condominiums, hotels, popular allotments and restaurants. But this changes are still intermingled with familiar agriculture, commerce handicraft products, and ornamental plants cultivation. Thus, we seek to understand, by a historical-geographical approach, the socio-spatial characteristics of this area and the formation of periurban area in this portion of the Paraíba territory.

Keywords: Periurban space, Social and cultural relations, Campina Grande, Brazil.

CONCEITOS E DELIMITAÇÕES ACERCA DO URBANO-RURAL, CIDADE-CAMPO

As tentativas de se conceituar e delimitar as áreas urbanas e rurais, o campo e a cidade, são numerosas em diversas áreas do conhecimento e tornam-se cada vez mais distantes de um resultado consensual, uma vez que, com o processo de globalização, essas áreas adquirem constantemente novos elementos na paisagem e assumem novas funções no espaço geográfico, como indústria, serviços além das atividades ligadas classicamente à agricultura, tornando-as participantes de uma dinâmica recente no território brasileiro, em que não se define nem se delimita com precisão o que seja campo, cidade, rural e urbano. Tal realidade é válida tanto para o panorama mundial quanto nacional, resguardadas as especificidades de cada país.

Nesse sentido, buscaremos encontrar um caminho que nos aproxime ao máximo da conceituação e delimitação dos termos supracitados, tentando entender as diversas modificações nesses espaços no decorrer do tempo histórico e as relações postas entre os mesmos no caso brasileiro e, mais especificamente, no estado da Paraíba.

Dessa forma, deve-se atentar ao estágio de desenvolvimento dessas áreas, destacando suas peculiaridades, bem como suas reações híbridas. Assim, José Eli da Veiga (2005) alerta sobre a relação entre o rural e urbano para o desenvolvimento regional, destacando, no mínimo, três situações concretas básicas:

- a) a de regiões essencialmente urbanas, como é o caso das áreas metropolitanas;
- b) a de regiões essencialmente rurais, quase sempre remotas, nas quais os ecossistemas originais foram preservados ou passam a ser conservados; e c) a de numerosas regiões intermediárias, ou ambivalentes, nas quais são extremamente heterogêneas as participações relativas de ecossistemas parcialmente alterados e ecossistemas dos mais artificializados, como são os casos das aglomerações, cidades, e mesmo certas vilas (VEIGA, 2005, p. 09).

Nesse contexto, a delimitação e conceituação dessas regiões intermediárias, que surgem e se multiplicam no país com certa intensidade, tornam-se complexas exigindo uma reflexão mais cuidadosa para se chegar a uma clarificação de cada termo no momento de defini-lo como área urbana, rural ou até mesmo a própria área intermediária. O surgimento de espaços híbridos rural-urbanos, antes próprios do entorno de grandes urbes, parece agora se expandir para cidades de médio porte.

Sendo assim, a construção dos conceitos para se definir o campo e a cidade não é de todo fácil, e os mesmos não se encontram prontos, uma vez que as suas diferenças estão contidas seja na origem, na função, no aspecto da paisagem ou até mesmo nos objetivos práticos (administrativos) de cada classificação. Diferenças primordiais estão baseadas na divisão

territorial do trabalho, que tem o trabalho material e intelectual como categorias estabelecidas (BAGLI, 2006).

Dessa forma, entendemos que a ligação entre o campo e a cidade sempre foi muito forte desde o princípio, visto que, no processo de desenvolvimento das comunidades humanas, a ligação com a terra esteve muito presente. Esta identidade relacional se traduz pelo fato de que a partir da terra extraíamos nossa subsistência e as realizações da sociedade humana como um todo. Por isto, Raymond Williams considera a própria cidade como sendo uma dessas realizações, como uma forma distinta de civilização e que foi construída a partir do campo.

É a partir dessa ligação em comum que aproxima o campo e a cidade, que vão surgir as primeiras diferenças definidoras desses espaços tomando como base as atividades econômicas a que estavam encarregadas e perfil da população residente em cada área.

Neste contexto, Raymond Williams interpreta a visão a respeito da cidade e do campo, com base na civilização inglesa, explicitando:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Nessa mesma linha de pensamento Lefèbvre (1969) *apud* Bagli (2006) “afirma que a cidade ficou incumbida do trabalho intelectual: funções de organização e direção, atividades políticas e militares, elaboração do conhecimento teórico (filosofia e ciências). Ao campo ficou, portanto, o trabalho prático/material”¹.

Ainda comentando sobre as contradições entre o campo e a cidade, no decorrer do processo histórico, Roberto José Moreira discorre sobre algumas tendências que afirmam a cidade como sendo o espaço das realizações, do mandar, em contraposição ao campo:

Enquanto o território urbano foi simbolicamente referido ao tempo contínuo, ao mecanismo do relógio e ao espaço geométrico horizontal-vertical das ruas e dos edifícios, o território rural foi associado ao tempo sazonal e ao espaço ecossistêmico da natureza (MOREIRA, 2007, p. 76).

Contudo, com o desenrolar da história, o urbano e o rural absorveram muitas outras atividades com características diferentes daquelas predeterminadas pelos esquemas explicativos das ciências, formando um híbrido de atividades entre esses espaços, como por exemplo, o campo desenvolvendo atividades industriais e de serviços e a cidade desenvolvendo

¹ As reflexões acerca dos contrastes entre o campo e a cidade em Williams e em Lefèbvre se referem à civilização clássica.

agricultura em manchas da malha urbana. Esta possibilidade de diversificar e intercambiar suas atividades primordiais causa, na atualidade, uma renovação nos modos de ver o campo e a cidade.

É tanto que Livia Miranda tece alguns comentários a respeito dessa nova organização espacial, sublinhando que algumas diferenças podem, todavia, acentuar-se:

As relações cidade-campo, no contexto capitalista, estabelecem-se denotando uma aproximação crescente dos espaços urbano e rural, contudo, as suas diferenças acentuam-se cada vez mais sociologicamente, a partir de um progressivo distanciamento entre os “modos de vida” urbano e rural (MIRANDA, 1997, p. 28).

Dessa forma, percebe-se que o espaço físico urbano está cada vez mais próximo do campo devido ao processo de territorialização da cidade, que avança em direção ao meio rural. Nesse processo, as relações sociais entre essas áreas vão se dando de formas diferenciadas, uma vez que os hábitos e modos de vida de quem vive na cidade e que caracteriza os costumes urbanos “invade” o campo e partilha as relações rurais e vice-versa. Assim, ocorre uma dificuldade considerável na identificação precisa dessas diferenças.

Nesse sentido, as distinções podem ir se tornando desigualdades, no momento em que se tratam as relações entre as pessoas sob uma égide hierárquica, apoiada em definições que qualificam os moradores da cidade positivamente em detrimento dos habitantes do campo, que recebem definições negativas e que podem ser mais bem analisadas a partir do quadro esquemático a seguir:

Quadro 01: Origem e significados das palavras cidade/urbano – campo/rural

CIDADE-URBANO	CAMPO-RURAL
Civitas f. 1. Condição de cidadão. 2. Conjunto de cidadãos. 3. Sede do governo; Estado; cidade; pátria. 4.= urbs.	Campus m. 1. Planície; terreno plano; veiga; campina cultivada. 2. Campo ou terreno para exercícios. 3. Campo de batalha. 4. Os exercícios do Campo de Marte; os comícios; as eleições. 5. Produtos da terra.
Civis m. e f. 1. Cidadão livre; cidadã livre, membro livre de uma cidade, a que pertence por origem ou adoção. 2. Concidadão; concidadã. 3. Habitante. 4. Soldado Romano. 5. Companheiro.	Campesis adj. 1. Relativo aos campos; campestres. 2. Epíteto de Isis que tinha um templo no Campo de Marte.
Urbs f. 1. Cidade (em oposição a <i>rus</i> ou a <i>arx</i>) 2. A cidade por excelência. 3. Cidade,	Rus n. 1. Campo (em oposição a <i>domus</i> “casa” e <i>urbs</i> “cidade”). 2. Terras de lavouras. 3. Casa de campo. 4. Território; região. 5.

população duma cidade; os cidadãos; Estado. 4. Morada; asilo.	<i>Fig.</i> Rusticidade; rudeza. 6. <i>Pl.</i> Propriedade rural; o campo (em geral).
Urbanus adj. 1. Da cidade (em oposição a <i>rusticus</i>); Da cidade de Roma; urbano. 2. Civil (em oposição a <i>castrensis</i>); pacífico. 3. Polido; fino; delicado; urbano. 4. Espirituoso; engraçado; engenhoso. 5. Divertido; folgazão; gracejador. 6. Elegante; esmerado (estilo); que usa linguagem apurada. 7. Impudente, desavergonhado; indiscreto.	Rusticus adj. 1. Dos campos; do campo; rústico; campestre; rural. 2. <i>Fig.</i> Rústico; agreste; rude; inculto; grosseiro; tosco; desajeitado; sem elegância. 3. Simples; ingênuo; pouco atilado; estúpido. 4. Inacessível ao amor; esquivo; bisonho. 5. Camponês; lavrador; campônio.

Fonte: Torrinha, Francisco. Dicionário Latino-português. *Apud* BAGLI, Priscilla, 2006, p. 44. Modificado pelos autores.

A partir das definições acima, o campo e a cidade não são vistos como um *continuum*, como um espaço único dotado de características e peculiaridades próprias, mas como espaços antagônicos, dotados de desigualdades que foram se acentuando no decorrer do tempo histórico. O que ocorre nos dias atuais é a dificuldade em se perceber tais antagonismos.

Enfim, vale salientar que esses espaços, mesmo tendo suas peculiaridades e hierarquias (culturais, econômicas, políticas, dentre outros), se complementam, uma vez que o campo desenvolve ainda um papel muito importante para o desenvolvimento econômico do país, e agora mais do que nunca consegue atrair uma boa parcela da população, que antes residia nos centros urbanos, para viver nas áreas mais afastadas das cidades em busca de amenidades ambientais ou terra mais barata.

Nesse sentido, não basta entender as categorias campo e cidade, mas também compreender a essência do que sejam os modos de vida rural e o urbano, tendo em vista essas mudanças ocorridas no espaço recentemente. As fronteiras entre o urbano e o rural vão ser ponto de discussão em várias partes do mundo, originando diversas definições que delimitem o que seja o rural. Dentre elas, destacamos a *delimitação administrativa* que no Brasil é a mais aceita (perímetro urbano traçado pelas prefeituras nas sedes e distritos municipais), bem como em outros países da América Latina. Contudo, esta delimitação, a serviço da cobrança de impostos, apresenta algumas restrições como: a) a definição arbitrária dos poderes públicos municipais que não levam em conta aspectos geográficos, econômicos, culturais de cada área; b) bem como o limite de atuação dos serviços públicos, que considera urbana a área até onde os serviços públicos como limpeza, transporte público, alcancem; c) o rural é definido pela

carência observada numa determinada área e que não configura como aspecto ideal ou único para se definir um espaço rural.

Outro aspecto adotado para se definir o rural é a importância econômica na ocupação de mão de obra da *agricultura*. Em alguns países como Israel e Chile a área é tida como urbana ou não, de acordo com a parcela da população que não exerce atividades ligadas à agricultura. E por fim, existe a definição de rural a partir de certo *patamar populacional*. Nesse sentido, países da Europa (como Espanha, Portugal, Grécia) consideram rural todo povoado que aglomere em área contígua até 10 mil habitantes e que se encontre a certa distância dos centros urbanos; na França, são rurais as áreas com população inferior a 2 mil habitantes e também na América Latina (a saber, Argentina, Bolívia, Venezuela, México, Honduras, Nicarágua) adota-se igualmente esse critério como definidor das áreas rurais, que varia entre 1 mil até 2,5 mil habitantes na definição de população rural (ABRAMOVAY, 2000).

Destarte, a partir dos critérios adotados no Brasil, associamos ao campo o ritmo de vida rural em que os espaços “apresentam feições paisagísticas e de relações sociais relativamente mais ‘esparsas’ que os ambientes urbanos, guardando costumes e práticas sócio-espaciais diferenciados dos encontrados na cidade” (FERREIRA, 2009, p. 47).

Nesse sentido, a cidade com seu ritmo peculiar vai exercer o papel de concentração, enquanto que o campo, com o seu modo de vida rural, exercerá a função de dispersão, isolamento. A marca dessa diferença entre tais espaços será a divisão do trabalho (SOBARZO, 2006.).

Ferreira (2009), citando Dolfuss, traça alguns aspectos que marcam as características definidoras do espaço rural e que ainda parecem úteis no sentido geral, mesmo que múltiplas situações, no presente, possam ser contraditórias. São eles:

- a) Domínio de atividades agrícolas e pecuárias – função da manutenção da “paisagem” agrícola; b) Relativa “dependência” dos ritmos do meio físico e dos ciclos biológicos – condições pedológicas, climáticas, etc.; c) Menor densidade do que no espaço urbano – o preço do solo rural é medido em hectare (10.000 m²), sendo relativamente mais baixo do que o urbano, que é medido por metro quadrado (m²); d) Pouca diversidade do ponto de vista profissional e social – a maior parte da população que vive nesses espaços tem ligação com atividades e práticas restritas e conhecidas amplamente pela sociedade local (FERREIRA, 2009, p. 47-48).

Sendo assim, notamos que o espaço rural e o espaço urbano possuem algumas características peculiares que vão tornando-os diferentes, porém eles desempenham funções

que se complementam, quando nos referimos a atividades econômicas, por exemplo, e que foram sendo moldadas no decorrer do tempo com a própria mudança do espaço e do seu processo dinâmico.

Vale ressaltar que os territórios rurais que foram constituídos por volta dos fins do século XIX, a partir da fragmentação de terras e estabelecimento de uma produção agrícola familiar em pequenas propriedades, apresentam novos objetos espaciais como as indústrias e condomínios residenciais, por exemplo, que são oriundos da expansão de uma cultura urbana que se difunde de maneira acelerada, conformando, no “sentido lefebvriano”, novas relações e novos processos no campo (NORONHA, 2008, p. 94-95). Assim, destacamos as áreas situadas nas bordas das cidades, como o caso das áreas periurbanas, que adquirem características tanto urbanas como rurais, sejam elas econômicas, sociais, culturais, bem como o uso do solo, formando um *mix* de relações.

Dessa forma, o rural não mais é visto como a área em que só se produz atividades ligadas à agricultura e pecuária, e que tem como função abastecer as áreas urbanas. Tais mudanças se devem, principalmente, ao fato de que nas últimas décadas do século passado no Brasil, uma parcela da população de classe média e alta passou a desenvolver hábitos diferenciados, preferindo residir nas áreas mais afastadas dos núcleos urbanos, além de surgir o fato de que com a indústria adentrando nas áreas agrícolas, a população nativa começou a buscar alternativas em outras atividades econômicas para complementar a renda familiar².

O fenômeno estudado não mais se restringe às bordas das grandes metrópoles. A respeito dessas modificações nas áreas antes tipicamente rurais, destacamos a instalação de residências permanentes e de segunda moradia de parte da classe média de Campina Grande (Paraíba) que se transferiu para a área intermediada com a cidade de Lagoa Seca, além de serviços como pousadas. Quanto aos trabalhadores rurais, boa parte das pessoas que já residiam nessa área, desenvolvem atividades ligadas aos serviços, em sua maioria, atividades relacionadas com a construção civil, seja nos condomínios horizontais fechados no espaço periurbano em questão ou em outras obras localizadas na cidade de Campina Grande, tal como será aprofundado adiante.

Assim sendo, percebe-se que a agricultura e outras atividades ligadas ao setor primário não são as únicas possíveis desenvolvidas no campo. Embora existam áreas dispostas no

² Vale ressaltar que este processo já acontecia há alguns anos em outros países do mundo, principalmente os países desenvolvidos da Europa e América do Norte.

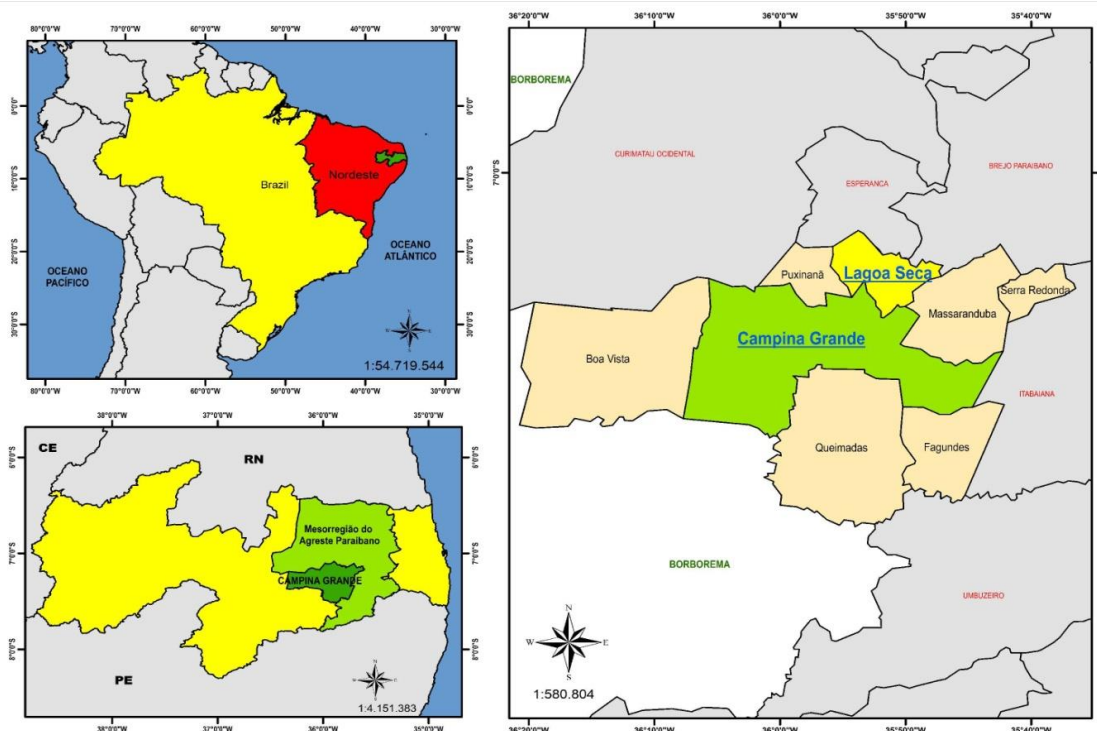
território nacional em que elas se mostram em maior quantidade e com maior intensidade do que outras atividades como a industrial e de serviços, o chamado “novo rural” vai ganhando espaço no país e se territorializando, cada vez mais, nas áreas antes mais devotadas à agricultura.

Vale ressaltar que este novo estilo de vida, instalado em áreas mais afastadas dos centros urbanos, causa uma modificação nas relações sociais, de produção, na posse da terra das pessoas que sempre residiram nessas áreas e desenvolviam outras atividades, além da mudança na paisagem que vai ganhando conteúdos característicos da vida urbana e instalando um ritmo de vida, numa área que antes se movimentava baseada, sobretudo, no tempo ecossistêmico da natureza.

CARACTERÍSTICAS DO URBANO E DO RURAL EM CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA – PB

Campina Grande e Lagoa Seca encontram-se localizadas na Mesorregião do Agreste paraibano, mais precisamente na Microrregião de Campina Grande (Figura 01). Seu processo de ocupação e colonização foi baseado na agricultura e na pecuária típicas do Nordeste semiárido. No período atual, o espaço entre as duas sedes municipais passa por importantes transformações ligadas ao processo de interpenetração campo-cidade.

Figura 01: Localização da Mesorregião e Microrregião de Campina Grande e Lagoa Seca – PB



Notadamente, as mudanças mais comuns e perceptíveis aos olhos dos mais atentos se dão pela paisagem, uma vez que esta se apresenta de forma mais instantânea aos sentidos. Sendo assim, no que tange à paisagem que contém ainda objetos naturais, como área de vegetação natural, percebe-se que esta sofreu algumas mudanças nas áreas rurais entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca, com a instalação de condomínios horizontais fechados, chácaras e residências de segunda moradia, restaurantes, bares, lojas de artesanato e de plantas ornamentais, loteamentos populares, dentre outros. Todas essas atividades tiveram impacto na redução da cobertura vegetal natural ou agrícola. Entretanto, a zona conta ainda com a presença de manchas de agricultura familiar entremeadas a estes novos objetos, causando modificações em toda a sociedade que residia nesses lugares, visto que outras atividades econômicas começaram a surgir ou a se adequar a outra dinâmica econômica.

Contudo, no espaço rural de Lagoa Seca apesar de existir algumas unidades familiares que utilizam algum tipo de técnica mais moderna para produzir, ainda prevalece as áreas de agricultura tradicional, predominantemente de caráter familiar, que, juntamente com as primeiras, destacam o município como um expressivo produtor de hortaliças como coentro, alface, pimentão, pepino e batatinha, no Estado da Paraíba. Os pequenos produtores familiares participam da economia globalizante, uma vez que estão cada vez mais integrados aos mercados. Essas culturas são desenvolvidas em pequenas áreas familiares que ocupam boa parte do território do município, bastante íngremes, o que tem de certa forma limitado o uso agrícola e/ou conduzido à exploração das encostas. Isto ocasiona, por vezes, a degradação da cobertura vegetal, a qual tem dado espaço ao plantio, principalmente de frutíferas e hortaliças que são comercializadas nas feiras de Campina Grande e até nos estados vizinhos.

Em Campina Grande, no trecho contíguo à área em estudo, a atividade agropecuária não ganha tanto destaque para o desenvolvimento econômico do município se comparada com Lagoa Seca. Apesar da diferença, são desenvolvidas aí culturas como a do algodão herbáceo, batata-doce, feijão, milho, mandioca, dentre outras nas épocas propícias a cada cultura (IBGE, 2006) e que são destinadas para a comercialização nas feiras da cidade e em outras localidades do Estado, bem como para garantir a reprodução da unidade familiar.

Importante sublinhar que na área de transição urbano-rural desta cidade com a de Lagoa Seca, as atividades agropecuárias se configuram como sendo de caráter familiar. As atividades agrícolas mais comuns são as plantações de milho, de feijão, além de cultivo de verduras e de legumes que vão evidenciando uma paisagem caracteristicamente rural na área que margeia a rodovia federal BR – 104, bem como nas suas vias vicinais.

Tanto em Lagoa Seca quanto em Campina Grande, as marcas que foram sendo estabelecidas no campo com a instalação de novos objetos e novas ações, não apagaram por completo a essência do que seja este espaço e o modo de vida rural, em que as atividades ligadas à pecuária, e principalmente à agricultura, ainda conseguem se manter e garantir o sustento de muitas famílias.

Sendo assim, o espaço em questão tornou-se dotado de muita dinamicidade e contradições, uma vez que, a chegada de novos objetos técnicos e sua consequente “forma urbana” se entremeou ao modo de vida rural já existente, formando um espaço que pode ser classificado como periurbano.

FORMAÇÃO DO ESPAÇO PERIURBANO ENTRE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA – PB

Os espaços periurbanos se constituem como uma extensão da área urbana das cidades se prolongando em direção ao campo, modificando a estrutura natural e confortável de delimitação entre esses espaços, passando a comportar serviços tanto do urbano quanto do rural. Sendo assim, a população urbana que foi se transferindo para essas áreas em busca de mais tranquilidade, sossego, contato direto com a natureza, segurança, dentre outros, não contempla mais exclusivamente características citadinas.

O Brasil também já se encontra nesse processo de mudança funcional e comportamental de sua população de classe média e alta desde os fins da década de 1960 do século passado, e no estado da Paraíba desde a década de 1990. Os locais mais afastados dos centros deixam de ser apanágio de populações empobrecidas e periféricas, havendo apropriações diferenciadas em função de acesso, amenidades ambientais e infraestrutura, contemplando diferentes classes sociais. O modelo dos condomínios clubes exclusivos divide os terrenos periurbanos com loteamentos populares e das classes médias, assim como restam formas do habitat típicas de uma ruralidade anterior, embora em mutação.

Nesse sentido, entre Campina Grande e Lagoa Seca uma quantidade considerável de pessoas que residiam na primeira cidade já se transferiu para residir em condomínios horizontais fechados, loteamentos, bairros verdes, construíram chácaras que funcionam apenas em fins de semana e dias festivos, pousadas, além de uma série de serviços que estão instalados nessa extensão territorial, mais precisamente ao longo da rodovia BR-104.

Nesse sentido, percebe-se que as áreas periurbanas estão sob a influência do sistema capitalista em vários pontos do território nacional, onde o mercado imobiliário insidiosamente

lança mão das características dos espaços mais rurais para atrair um segmento da população que anseia por uma vida mais tranquila e longe dos centros urbanos agitados. A novidade é encontrar o fenômeno de forma flagrante em espaços do agreste paraibano, expressando um vasto processo de urbanização do campo no país.

Dessa forma, as propagandas de loteamentos, condomínios, etc. são recheadas de neologismos e referências aos aspectos bucólicos, agrestes e ecológicos dos espaços em transformação. Esses lugares serão para o consumidor – que vive via de regra nos centros urbanos movimentados, barulhentos e violentos – um reencontro com a natureza, com o ar puro, com a tranquilidade do campo, porém por trás de todo apelo da propaganda está a lógica do capital. Tais situações se reproduzem na área do presente estudo de caso, como se pode constatar nas imagens do espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca (Figura 02):

Figura 02 – Propaganda de condomínio às margens da BR-104 entre Campina Grande e Lagoa Seca



Propaganda do Residencial Atmosfera Eco Residence, na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB. Destaque para a frase no topo do mural exaltando os aspectos naturais (*A natureza aqui é um espetáculo. Reserve seu lugar no camarote*).

Fonte: Araújo, 2012.

Como se pode analisar na figura, a propaganda de venda do empreendimento imobiliário destaca fortemente as características de se viver bem estando perto da natureza. No *outdoor*, percebe-se que a propaganda do condomínio Atmosfera Eco Residence exalta a natureza de uma forma teatral, quando diz que nesse condomínio a natureza é um espetáculo, e ainda remete

a ideia de que seus moradores irão desfrutar desse “show” em um lugar privilegiado (o camarote), referindo-se à residência construída no condomínio.

Sendo assim, as áreas mais afastadas dos centros das cidades vão ganhando importância e atraindo cada vez mais um contingente populacional de hábitos urbanos, mas que busca a qualidade de vida no ambiente verde dos campos, tal como se verifica nos empreendimentos encontrados entre os municípios em tela, a exemplo do bairro planejado “Cidade Juraci Palhano” e do condomínio de luxo Atmosphaera EcoResidence. Sobre a busca dos atributos positivos do meio rural Priscilla Bagli alerta:

Buscam-se atributos não encontrados nos espaços urbanos. Se os problemas ambientais e sociais de tais espaços (poluição atmosférica e dos cursos d’água, desconforto térmico em virtude da escassa vegetação, aumento da violência, barulho, mau cheiro) constituem-se como fundamento para a busca de uma outra realidade, então essa busca transforma-se em uma estratégia para a construção de outros territórios, consequentemente, para a formação de novas territorialidades (BAGLI, 2006, p. 154).

É a busca por novos lugares, para suprir as necessidades de uma classe social que almeja por novas condições de vida, ou seja, um refúgio mais ou menos momentâneo, visto que tal população mantém uma relação muito próxima com a cidade no que diz respeito aos serviços, trabalho, saúde, lazer, educação, como mostra a figura 03:

Figura 03: Condomínio horizontal fechado na faixa de transição Campina Grande-Lagoa Seca – PB



Condomínio Nações Residence Privé, localizado na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB. Fonte: Araújo, 2012.

Porém, vale a pena destacar que esse espaço se caracteriza como uma área periurbana não só pela presença de condomínios horizontais fechados, chácaras para segunda moradia e loteamentos. Nele o solo ganha outros níveis de uso, quais sejam: área natural voltada para o lazer e descanso temporário de quem deseje desfrutá-la, como o caso da pousada Magia do Verde, localizada na zona rural de Lagoa Seca; área rural de caráter familiar em sua maioria, que desenvolve atividades ligadas à produção de horticultura; grandes propriedades voltadas à pecuária; além da área urbana, dentre outros.

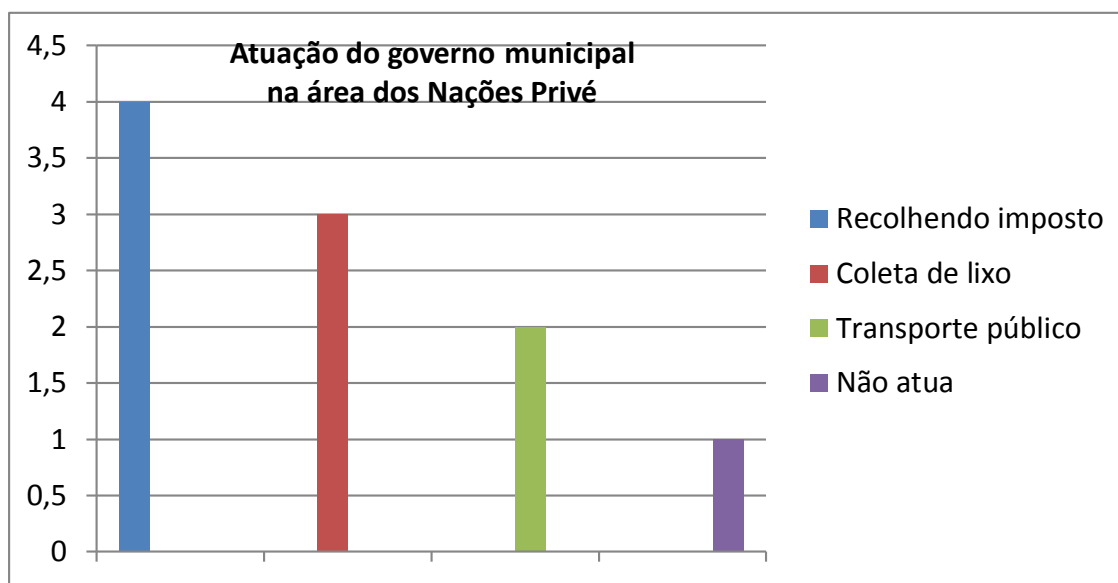
Importante destacar também que os condomínios fechados se encontram geograficamente mais distantes do núcleo urbano da cidade maior, e, no entanto, estão dentro do perímetro urbano de Lagoa Seca, o que justifica o caráter econômico dessa inclusão, tendo em vista que, por serem áreas maiores, contribuem com maior quantidade de capital em detrimento das residências mais populares, situadas na rua Ezequias Trajano, além da condição financeira totalmente divergente dos moradores dessas edificações. Daí os prováveis motivos para que mesmo estando dentro da área urbana de Lagoa Seca, os moradores do assentamento popular não contribuam com o pagamento do IPTU (Imposto sobre propriedade territorial urbana).

Nesse contexto, para a maioria dos moradores do residencial Nações Residence Privé (outro condomínio fechado, localizado na área em questão) o poder público atua com mais vigor no que diz respeito à cobrança do imposto, todavia deixando muito a desejar em outros serviços como coleta de lixo, segurança e transporte público, dentre outros, que acabam sendo privatizados. No Gráfico 01 encontram-se tabulados os dados de uma enquête realizada no local durante a pesquisa, quando foram entrevistadas 10 pessoas.

Como os condomínios têm toda uma organização interna, de segurança, coleta de lixo, limpeza interna, entre outros, o governo municipal não se preocupa com o atendimento dos serviços que lhe cabem fora dos muros destes, uma vez que a própria área externa desse condomínio está projetada de uma forma que aparenta fazer parte exclusivamente dele, onde na verdade se configura como uma via pública, portanto, de acesso à toda população.

Sendo assim, a prefeitura se isenta ou não desenvolve com regularidade as atividades as quais são de competência dela e não apenas dos condomínios horizontais fechados.

Gráfico 01 – Atuação do governo municipal na área do Nações Residence Privé, de acordo com 10 moradores entrevistados, Lagoa Seca-PB.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

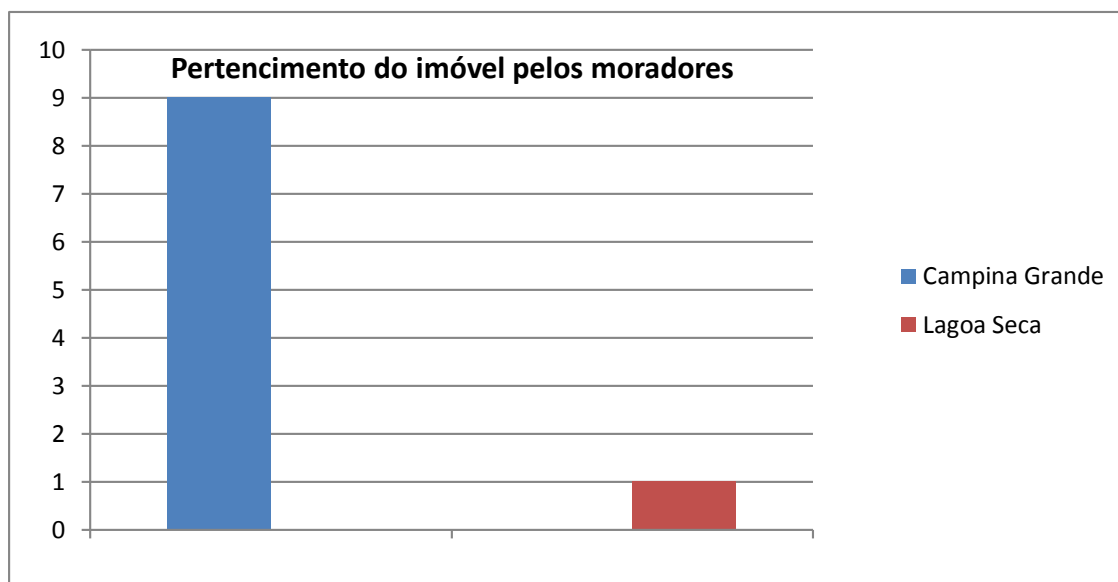
Ao mesmo modo, os moradores não reclamam desse atendimento por alegarem que não dispõem de tempo suficiente para reivindicar essas atividades (em geral privatizadas), visto que suas vidas estão todas voltadas para a cidade de Campina Grande, chegando ao ponto de considerarem que suas residências pertencem muito mais à Campina Grande do que mesmo à Lagoa Seca, pela influência direta que a primeira cidade exerce sobre seu cotidiano e mentalidade, como demonstra o Gráfico 02.

A centralidade econômica, de serviços, cultura e estilo de vida está no maior núcleo do par; assim é Campina Grande a referência precípua dos novos habitantes desses assentamentos de classe média e alta situados bem mais próximos de Lagoa Seca. Aliás, é interessante lembrar que a maioria dos habitantes recém-chegados provavelmente tem origem campinense, buscando no município vizinho apenas aquelas qualidades ainda presentes nos espaços rurais e muito valorizadas pelos que aí desejam se estabelecer: presença de áreas verdes, terrenos maiores, amenidades climáticas, boa acessibilidade via rodovia federal, isolamento através de grandes muros e vigilância privada, etc.

Sendo assim, tudo fica muito conveniente para os dois lados, uma vez que o poder municipal de Lagoa Seca está mais interessado em arrecadar os impostos oriundos dos condomínios, e os moradores desse tipo de residencial – por votar e “viver” na cidade de Campina Grande – não se interessam por cobrar nenhuma ação do governo de Lagoa Seca, tendo em vista que os falhos serviços públicos no entorno do condomínio são compensados pelas administrações privadas. Afinal, para que o condomínio se torne mais atrativo e obtenha

mais lucro com a venda de mais lotes é preciso que não só a área interna esteja em ordem, como também toda a área em seu entorno, haja vista que existem outros condomínios de mesmo porte social e econômico nesse espaço, gerando uma competitividade entre eles.

Gráfico 02: Pertencimento territorial do imóvel a partir da opinião dos moradores do residencial Nações Residence Privé, Lagoa Seca-PB



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Fazendo referência à agricultura que é praticada no espaço periurbano supracitado, percebe-se que ainda são preservadas as características daquela atividade tal como realizada ao longo do povoamento da localidade de Lagoa Seca, ou seja, de caráter familiar e voltado para as necessidades desse grupo produtor. Todavia, muitos agricultores fazem nos dias atuais uso de agrotóxicos em suas culturas, com o intuito de aumentar a produção e assim poder arrecadar mais para a reprodução da agricultura praticada, bem como para a manutenção da própria unidade familiar.

Nesse cenário, as plantações se territorializam pelo espaço e para quem passa pela BR-104 é perfeitamente possível vislumbrar as lavouras de hortaliças e frutíferas em volta das residências (Figuras 04). A hibridez do periurbano aparece em toda sua expressividade.

É importante lembrar que apesar da maioria das unidades de produção de hortaliças em Lagoa Seca utilizar agroquímicos na produção, ainda existem algumas unidades familiares que trabalham exclusivamente com produtos livres de quaisquer ameaça química em suas lavouras, como ocorre no sítio Oiti, no mesmo município. São elementos de permanência e modernidade convivendo lado a lado no meio rural. A produção “orgânica” supracitada é um elemento de inovação que invoca caracteres da tradição, demonstrando o quanto os fenômenos estão imbricados nas zonas em periurbanização (Figura 05).

Figura 04: Panorama do Sítio Oiti, em Lagoa Seca, a partir da BR-104.



No sítio Oiti é comum a presença de fruteiras, como a banana em primeiro plano, mas o que mais chama a atenção são as lavouras de hortaliças, que podem ser vistas na colina, em segundo plano. A ruralidade ainda é bastante expressiva nas imediações de Lagoa Seca.

Fonte: Araújo, 2012.

Nesse sentido, a opção em se produzir orgânicos, apesar de demandar mais cuidados e conhecimento técnicos do produtor, se faz pela oportunidade em se obter maior lucro, uma vez que atende a uma clientela exigente, que está disposta a pagar mais caro pelo produto, acarretando maior lucratividade. Embora esta produção se concentre em uma área menor do que as outras produzidas no município, a qualidade dos produtos é bem superior, tendo em vista que é comercializado em feiras orgânicas na cidade de Lagoa Seca, Campina Grande e destinada também para outros municípios do estado e estados vizinhos.

Sendo assim, percebe-se que a produção de hortaliças e frutas de Lagoa Seca está bem dividida por localidades rurais que estão entremeadas com loteamentos, granjas, condomínios, pousadas, tornando essa área das plantações, que o poder público municipal denomina de rural, também com suas especificidades – mesmo que as mudanças de uso típicas da periurbanização sejam vizinhas.

Sendo assim, o espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca se constitui como um espaço dinâmico, e as mudanças e permanências que ocorrem nessa área fazem parte do movimento do espaço geográfico. Dentro deste contexto, coube tentar, ao longo do texto, compreender e explicar este processo de dinamização do espaço físico com a população que nele atua.

FIGURA 05: Plantação de hortaliças no sítio Oiti, Lagoa Seca-PB



Esta plantação de hortaliças no sítio Oiti, em Lagoa Seca, é feita livre de agrotóxicos. Ao fundo percebe-se outro sítio, com plantações de laranjas, todavia com uso de agrotóxicos (de acordo com entrevistas no local).

Fonte: Araújo, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o processo de globalização em expansão, o desejo de se firmar em áreas mais tranquilas, mais afastadas dos centros urbanos está proliferando nos países desenvolvidos e também nos países em desenvolvimento (VALE, 2005), uma vez que o espaço que margeia as cidades começa a adquirir novas funções e se envolve de aparatos técnicos para tornar o povoamento dessas áreas mais rápido e confortável para um público de hábitos citadinos.

Contudo, esses benefícios são direcionados, a princípio, a uma parcela significativa da população que tem condições financeiras para adquirir lotes em condomínios de luxo, terrenos para construção de chácaras, casas para segunda moradia, hospedagem em pousadas rurais, dentre outros. À população de renda mais baixa cabe se fixar nas áreas que ainda não interessam ao mercado imobiliário.

Sendo assim, as discussões a respeito do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca tornaram-se coerentes graças ao processo de territorialização dessas cidades – principalmente da primeira, que se expandiu em direção as suas periferias, especializou essas áreas para um segmento social que absorveu com muita rapidez esse novo estilo de vida e com

ele levou uma série de atividades que antes estavam localizadas em outros pontos da zona urbana.

Na faixa transitória entre Campina Grande e Lagoa Seca, o espaço que margeia a BR-104 é marcado por condomínios fechados, bairros verdes, uma série de serviços (restaurantes, bares, lojas), além das áreas interioranas à rodovia federal que se constituem com chácaras, pousadas, restaurantes e espaços destinados à agricultura familiar de hortaliças. Tudo isso ocasionou uma mudança econômica, política, cultural que dinamizou muito o espaço, uma vez que, as pessoas vivem circulando destas áreas para Campina Grande bem como para Lagoa Seca para trabalhar, estudar, passear, constituindo um espaço periurbano dotado de muita dinamicidade.

Nesse contexto, evidencia-se que o espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca vem se transformando ao longo das últimas décadas, incorporando atividades da cidade e ainda conservando as do campo, transformando o estilo de vida de uma população que vivia até meados da década de 1990 do século passado com os traços marcantes da vida rural, modificando o uso do solo em favor dos empreendimentos imobiliários que valorizam essa nova tendência nacional dos residenciais do tipo *privê*, deixando claro que hoje não se pode delimitar ou conceituar com exatidão o que seja o urbano nem o rural.

Dessa forma, as ações públicas nesse espaço devem considerar esse processo de mudança e transformação dessa área, observando que se trata de um espaço dinâmico, vivo, que contém muito mais do que o urbano e o rural, mas um novo conceito, uma continuidade espacial, em que as ações do processo de urbanização não podem ter uma priorização em detrimento das ações realizadas no campo, haja vista, que este espaço periurbano contém as áreas urbanas e também as rurais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. IPEA (Texto para discussão), São Paulo/Rio de Janeiro, n. 702, 2000.

ARAÚJO, José Silvan Borborema. O espaço periurbano entre os municípios de Campina Grande e Lagoa Seca, Paraíba : um estudo sobre a dinâmica socioeconômica e cultural que define as várias formas de uso do solo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2012.

- BAGLI, Priscilla. Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologias. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.
- FERREIRA, Rubio José. Agricultura na cidade do Recife – PE: complementaridades rural-urbana e dinâmica espacial. Dissertação (Mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.
- IBGE. Censo Agropecuário. 2006. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em 20/07/2011.
- MIRANDA, Livia Izabel Bezerra de. Urbanização e dispersão: as “granjas” de primeira e segunda residência em Carpina – PE. Dissertação (Mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Geografia, UFPE. Recife, 1997.
- MOREIRA, Roberto José. Configurações de poderes urbano-rurais: fragmentos de discursos e práticas. In: MARAFON, Glaucio José.; RUA, João.; RIBEIRO, Miguel Angelo. (orgs.). Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- NORONHA, Elias Oliveira. O espaço rural no contexto da urbanização difusa: o estudo da pluriatividade nos bairros rurais Roseira e Toca no município de Jundiá – SP. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2008.
- SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão.; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs.). Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- VALE, Ana Rute do. Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano de Araraquara (SP). Tese (Doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.
- VEIGA, José Eli da. A relação rural/urbano no desenvolvimento regional. Cadernos do CEAM (centro de Estudos avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília, UnB) Vol. 17, Fevereiro 2005, pp. 9-22.
- WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 1989.